

Manual Imua UFF



Profa. Mariana da Cunha Teixeira

Universidade Federal Fluminense – UFF

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Mariana da Cunha
Manual Imua UFF [livro eletrônico] / Mariana
da Cunha Teixeira. -- 1. ed. -- Niterói, RJ :
Ed. da Autora, 2022.
ePub.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-43544-3

1. Acessibilidade 2. Canoas e canoagem 3. Esportes
- Aspectos sociais 4. Inclusão social 5. Surdos
I. Título.

22-108766

CDD-362.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Acessibilidade : Diversidade : Inclusão : Pessoas
com deficiência : Bem-estar social 362.4

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Prefácio

O presente manual é resultado da incrível experiência vivenciada através do projeto de extensão Imua UFF, que teve seu início no ano de 2019. O material foi elaborado com o intuito de contribuir com o acesso da comunidade surda ao esporte de canoa havaiana/polinésia. Apresentamos aqui uma versão adaptada dos comandos próprios do esporte, considerando a natureza linguística do surdo e a disposição dos remadores durante a prática. O experimento realizado para a produção deste compêndio, desde a elaboração dos comandos vibracionais até a validação de cada um deles, teve duração de dois anos. Cada etapa do processo foi constantemente avaliada e reconsiderada mediante aos novos desafios que apareciam. Na genuína esperança da promoção da acessibilidade à comunidade surda, oferecemos a todos os clubes de canoa o *Manual Imua UFF*, repleto de empatia, parceria e respeito.

Aloha e Imua!

Mariana Cunha

Agradecimentos

A Deus, por ter permitido que este projeto saísse do papel;

À Universidade Federal Fluminense, pelo espaço de discussão e aprendizado;

Aos professores da UFF, por todo apoio e colaboração;

Aos bolsistas voluntários, pela sua dedicação e tempo;

Aos surdos, por toparem entrar conosco nesse desafio;

Ao Clube de Canoa Polinésia Kahuna (Itaipu), por ter sido nossa sede experimental com tanta parceria e dedicação;

À Janaina Cunha, pelo trabalho, dedicação e amor ofertados;

Aos amigos colaboradores que participaram da construção e execução do IMUA UFF

À minha filha, por todos os momentos em que eu precisei dividir o tempo dela com este projeto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	7
1.1 Sobre a estatística de surdos (filhos de pais ouvintes)-----	7
1.2 Sobre a Lei de Libras-----	8
1.3 Sobre a Lei de Inclusão -----	9
1.4 Sobre o esporte como atividade inclusiva-----	9
2. COMANDOS ADAPTADOS PARA COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS (E OUVINTES) NA CANOA -----	9
2.1 Do experimento-----	9
2.2 Dos principais comandos-----	10
2.3 Opções de comunicação-----	10
2.4 Situações em que os comandos podem ser invalidados-----	11
2.5 Sobre a efetivação dos comandos-----	11
2.6 Das medidas de segurança-----	12
2.7 Da aplicabilidade das funções -----	14
3. BIBLIOGRAFIA -----	17

1. INTRODUÇÃO

1.1 Sobre a estatística de surdos (filhos de pais ouvintes)

De acordo com QUADROS (1997), 95% dos surdos nascem de pais ouvintes, configurando um cenário de incompatibilidade de comunicação já no primeiro momento de vida. Boa parte dessas famílias não é orientada a aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a oferecer ao filho surdo uma educação compatível com o método de aquisição linguística deles (educação especializada). Sendo assim, de modo geral, o sujeito surdo cresce em um ambiente de não comunicação e precisa, diariamente, buscar mecanismos para compreender e se fazer entender.

É importante destacar aqui que *ser surdo* ultrapassa o nível da perda auditiva e implica questões de identidade; em outras palavras, o surdo é aquele indivíduo que entende precisar da língua de sinais do seu país e compartilha da cultura surda, pertencendo a uma comunidade (SKLIAR; QUADROS, 2000). O deficiente auditivo, que assim se denomina, não integra essa comunidade e não costuma aceitar o termo 'surdo' para si. Ele não utiliza a língua de sinais como meio de comunicação, preferindo a leitura labial e a vocalização como mecanismos de socialização, comportando-se como os ouvintes. Existem algumas estratégias que podemos aplicar para acolher nos clubes os deficientes auditivos (e os surdos que sejam oralizados, em caso do não conhecimento da Libras) de forma mais inclusiva, dentre elas: falar sempre de frente a eles, em tempo normal (sem retardo de fala ou ampliação da articulação), dar prioridade a pessoas que não tenham bigode cobrindo o lábio superior para dar as instruções ou qualquer outra informação ao aluno (devido à leitura labial), não gritar (pode causar desconforto e constrangimento), evitar abordagens por trás e impactantes (como tapas nas costas, segurar o braço, abraçar fora do campo de visão), nunca jogar nada para chamar sua atenção (sinalize com os braços ou peça a ajuda de alguém que esteja mais próximo).

1.2 Sobre a Lei de Libras

O aprendizado de uma língua oral, como é o caso do Português, acontece pelos ouvintes de forma natural. Escutamos nossos pais ou cuidadores conversando conosco desde a nossa tenra infância e, ao entrarmos na escola, já dominamos nosso idioma. No caso dos surdos, eles não desfrutam da experiência de ouvir os familiares e aprender uma língua oral através de leitura labial é uma atividade esvaziada de sentido por si só e muito árdua. No entanto, há surdos e deficientes auditivos que fazem leitura labial e são oralizados (ainda que com algumas restrições), no entanto o significado atribuído às articulações da boca responsáveis pela formação de palavras só acontece a partir da experiência da língua (Português, neste caso) com o conhecimento de mundo daquele indivíduo. Não é uma atividade simples, objetiva e eficaz em si mesma. Ela demanda outras questões.

A Libras acontece no campo visual, o que possibilita que o surdo se comunique perfeitamente. De acordo com BELUGGI, POIZER e KLIMA (1989), o hemisfério esquerdo é o responsável pelo processamento das informações das línguas orais, sendo também as línguas de sinais assimiladas nesse mesmo hemisfério, conferindo sua natureza linguística. A partir dessa comprovação, se torna mais evidente que, do ponto de vista coletivo, o que separa os surdos dos ouvintes é a língua de uso.

A Lei 10.436 de 2002 é a lei que reconhece a Libras como língua de comunicação da comunidade surda brasileira, sendo a partir dela, e com o auxílio do decreto 5.626 de 2005, reconhecidos os direitos dos surdos, principalmente no que diz respeito ao acesso à informação, educação, saúde e lazer. É válido ressaltar, entretanto, que existe um hiato considerável entre os direitos serem reconhecidos e serem executados. Exatamente por esse motivo, precisamos ainda de discussões a respeito dos direitos e das estratégias para inclusão do surdo na sociedade.

1.3 Sobre a Lei de Inclusão

De acordo com a Lei 13.146 de 2015, Art. 42, “A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso [...]”. Como podemos observar, este é um direito garantido pela nossa legislação e estarmos capacitados para cumprir tal papel é a melhor forma de realizarmos uma inclusão social eficaz, com resultados. Não basta apenas permitirmos a entrada do surdo no clube, precisamos pensar em como oferecer para este público o mesmo que é oferecido para os demais. Isso sim é trabalhar com equidade.

1.4 Sobre o esporte como atividade inclusiva

Considerando o esporte como mecanismo de interação, superação e saúde, acreditamos ser a canoa polinésia/havaiana uma atividade que contribuirá significativamente para a integração do surdo em grupos sociais, assim como para a diminuição das fortes estatísticas de depressão e suicídio em pessoas com algum tipo de transtorno ou deficiência. Segundo CARVALHO, 2017, “sua importância (esporte) extrapola os caminhos de eventos de competição, desenvolvendo noções de respeito mútuo, equilibra o corpo e a mente, e, sobretudo, promove a educação”, sendo assim um veículo perfeito para a inclusão social.

2. COMANDOS ADAPTADOS PARA COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS (E OUVINTES) NA CANOA.

2.1 Do experimento

Todos os comandos a seguir foram previamente elaborados em sistema de laboratório, ou seja, considerando o conhecimento científico e empírico para a construção dos mesmos. Em um segundo momento do experimento, os comandos foram validados (sendo alguns re-elaborados) mediante atividade prática do esporte com os surdos. É importante destacar que alguns comandos foram re-elaborados com o tempo, uma vez que sua invalidação veio com determinados distratores que não

aparecem sempre, estando ligados às condições climáticas e do mar. O experimento completo teve duração de dois anos, sendo observadas com cautela as possíveis situações encontradas durante a prática do esporte e a eficiência de todos os comandos diante dos cenários apresentados.

2.2 Dos principais comandos

Rip – combinar o número de remadas antes. Banco 2 e 4 dão o rip com uma pisada forte no chão da canoa.

Imua – duas batidas do leme na lateral da canoa (em uma das laterais).

Parar – uma batida do leme em ambos os lados da canoa.

Remar para trás – duas batidas do leme nas laterais da canoa.

Alongar - três batidas fortes e lentas do leme em uma das laterais.

Aumentar o ritmo – três batidas fortes e rápidas do leme em uma das laterais.

Atenção – três batidas fortes e rápidas no chão da canoa (fora do tempo do rip).

Sincronia – três batidas fortes e lentas no chão da canoa (fora do tempo do rip).

2.3 Opções de comunicação emergencial

Os bancos próximos podem se comunicar em caso de urgência marcando nas costas.

Comunicação direta

Ex: Banco 2 toca três vezes de forma lenta nas costas do voga (alongar).

Comunicação indireta

Ex: Banco 1 levanta a mão com o número do banco e marca com mão em configuração S três batidas devagar (alongar).

2.4 Situações em que os comandos podem ser invalidados

A partir do processo de validação dos sinais, observamos que algumas situações podem comprometer a compreensão efetiva de alguns dos comandos. Vejamos a seguir algumas delas:

Quando entra muita água na canoa (planta do pé toda na água)

Observamos que o comando de RIP, quando estamos com a canoa com muita água, tende a se perder um pouco. Considerando esse agravante, destacamos a necessidade de se acordar efetivamente o número de remadas para o RIP com todos os remadores em casos de mar agitado. Esta deve ser uma prática seguida fielmente, sendo o comando do RIP apenas um auxiliador na atividade. Destaca-se aqui que enfatizar o número de remadas para o comando de RIP se apresenta como uma estratégia muito eficiente tanto para surdos, quanto para ouvintes; contribuindo, significativamente, para a concentração e encaixe da canoa.

Quando muitos remadores batem com frequência o remo na canoa

Os sinais de ATENÇÃO e SINCRONIA podem sofrer interferências por conta das repetitivas batidas, podendo o leme solicitar a ajuda do banco 5 para o comando em dupla.

Apesar da vibração ser diferente, atrapalha bastante a concentração dos surdos quando alguns remadores batem com o remo na canoa frequentemente. Por isso é muito importante explicar para o aluno surdo sobre como se dá o desenho da remada para evitar que aconteça frequentemente esse distrator.

2.5 Sobre a efetivação dos comandos

É importante destacarmos aqui que os comandos supracitados só alcançarão sua totalidade, ou seja, só comunicarão efetivamente a partir do exercício da prática. Tais comandos atendem não apenas aos surdos, mas aos ouvintes também, porém pressupõem uma canoa concentrada e dedicada a aprendê-los. Para os surdos, a memorização dos comandos adaptados se dará de forma mais rápida do que para os

ouvintes, por questões de aprimoramento de um sentido em consequência da perda ou dano de outro. Entretanto, praticar os comandos em canoas inclusivas (não apenas de surdos) pode contribuir consideravelmente para a manutenção da concentração na remada.

2.6 Das medidas de segurança

Algumas situações específicas também merecem a atenção no momento da aplicação de determinados comandos. Um caso observado foi a necessidade de se analisar o momento certo de dar os comandos de RIP, ATENÇÃO e SINCRONIA durante remadas em mar bem agitado. Isso se deve porque com as fortes ondulações, o fundo da canoa bate constantemente com pressão na água, podendo dissipar algum desses comandos, se dados no momento do impacto. Nesse caso, analisamos a importância de se explicar sobre as condições de mar e os comandos antes das remadas, a fim de que os remadores estejam atentos à contagem para o RIP, os bancos 2 e 4 (responsáveis pelo comando de RIP) estejam prontos para retardar uma remada em caso da proa subir – evitando coincidir o RIP com o momento do impacto-, assim como o leme atento ao momento de aplicar os comandos de ATENÇÃO e SINCRONIA fora do momento de concussão da canoa com o mar. Importante destacar que dar o RIP uma remada depois do momento acordado só se aplica no caso de todos os remadores não executarem o comando pela contagem, caso contrário não há necessidade e ainda poderá confundir a contagem inicial. É válido ressaltar que a melhor garantia para uma canoa sincronizada e concentrada é conversar ainda na areia de forma clara a respeito dos comandos e suas aplicações mediante os distratores e, principalmente, sobre a importância da contagem das remadas por todos os remadores. A canoa pode funcionar perfeitamente com os bancos 2 e 4 responsáveis pelo RIP e os demais remadores apenas concentrados na remada, porém isso exige que os dois bancos estejam em sintonia constantemente e os demais bancos atentos às condições do mar. Caso haja ainda pouca experiência dos remadores no que diz respeito à leitura das condições impostas pela natureza no momento da remada, aqui contemplamos inclusive a interferência do vento, é mais seguro que todos estejam acompanhando a contagem para o RIP.

Da mesma forma que se aplica a necessidade de tais conhecimentos à canoa composta apenas por remadores ouvintes, no caso de uma canoa com surdos entendemos haver a mesma importância, porém sem a interferência de um comando por voz do leme aos remadores que não saibam de suas funções ou entram em desespero no momento de huli, por exemplo. O que acaba por colocar a canoa com surdos em desvantagem. Muitos remadores não conhecem a função de cada banco. Já sabemos que essa prática não é adotada por todos os clubes e que ainda pode divergir de um para o outro. Porém queremos aqui destacar apenas o ponto positivo de cultivar esse hábito em um clube, principalmente quando temos surdos envolvidos. Estabelecer a função de cada banco, seja no momento do huli, ao entrar uma onda na canoa, na defesa da ama ou em quem de fato interfere no modelo da remada diante da condição do mar, minimiza consideravelmente os riscos à integridade dos remadores (psicológica e física), sendo nosso papel estarmos atentos a isso, enquanto clubes. Não podemos ignorar o fato de contarmos com um número significativamente amplo de clubes atualmente, sendo esperadas divergências nas funções estabelecidas por cada um. No entanto, essa diversidade não precisa configurar um problema. Cada clube encontra sua maneira de trabalhar em equipe, sem que isso fira os princípios básicos do esporte, e desenvolve da maneira mais adequada à sua realidade as funções de cada remador. O importante a destacar aqui é que sejam apresentados aos surdos esses combinados de forma a possibilitar que eles estejam aptos a realizar suas funções nas situações apresentadas anteriormente, garantindo assim não apenas a colaboração desses remadores nessas situações, mas também à integridade deles por já serem conhecidas as suas atribuições na resolução do contratempo a ser enfrentado.

Outro ponto que notamos ser de extrema importância o esclarecimento na areia é no que diz respeito ao embarque e desembarque. Passar para os alunos surdos o momento mais adequado para ambas as situações é imprescindível para evitarmos acidentes. Diferente dos ouvintes, em situações de perigo é preciso considerar que não poderemos, por maior fluência que tenhamos em Libras, dar um comando que seja tão preciso e rápido quanto o comando de voz. Esse fato se dá pela lógica da disposição

dos remadores na prática do esporte, a qual impossibilita a comunicação livre em qualquer língua de sinais: sentados em fileira e com as mãos ocupadas. Sendo assim, quanto mais informações passarmos a respeito da remada em si e dos possíveis distratores que podemos encontrar no mar, mais segurança teremos na prática do nosso esporte. Saliento que ser surdo na canoa não deve configurar perigo ou atenção redobrada, mas sim uma perspectiva adaptada na realização dos comandos. O surdo é tão capaz quanto o ouvinte de executar a atividade de remar, ou de qualquer outro esporte. O que se encontra entre a comunidade surda e as práticas esportivas é o fato deles falarem idiomas distintos, em outras palavras, a falta de comunicação é o que tem condenado os surdos ao distanciamento dos esportes. E, infelizmente, não apenas nesse setor são penalizados.

2.7 Da aplicabilidade das funções

Explicar também na prática a função (e suas variações) de caçar do voga e contravoga, quando e como devemos subir e descer da canoa, como agir em caso de insucesso nessas duas atividades também minimizam as chances de contratempos ou riscos aos remadores. O surdo deve se sentir parte da equipe. Ele não deve ser poupado ou visto como incapaz. Essa não é a sua condição nem no clube e nem na vida. Sendo assim, o exercício de optar por uma abordagem preventiva contribuirá, inclusive, para o desenvolvimento do clube como um todo. A casa inteira sairá ganhando com a experiência.

Este manual tem como objetivo principal compartilhar com os clubes os comandos criados e validados para a melhor experiência dos surdos na canoa, considerando não apenas o desenvolvimento deles, mas a segurança de toda equipe. No entanto, precisamos compreender que a aplicação dos comandos faz parte do processo de inclusão social, não é o fim. A comunidade surda é composta por surdos com experiências linguísticas diferentes. Existem surdos oralizados (que falam e leem lábios, além de sinalizar), surdos não oralizados (apenas sinalizam), surdos com algum resquício de audição e com o uso do aparelho conseguem acompanhar alguns comandos de voz (mas ainda assim sinalizam), enfim, o importante destacar que surdo

é o sujeito que sente a necessidade de utilizar a Libras, ainda que em ambientes específicos, para se comunicar, que compartilha da cultura surda e convive com outros surdos. Considerando essas coisas, ao pensarmos em inclusão social implica diretamente a comunicação entre surdos e ouvintes no clube. Aplicar os comandos e passar de forma estratégica as orientações pertinentes à remada auxiliam consideravelmente na experiência do surdo com o esporte. Contudo, devemos ter de forma esclarecida ao falarmos de uma oferta de acessibilidade à comunidade surda no va'a, que inclusão implica comunicação. Está para além da transmissão das regras do esporte. É preciso ter as ferramentas básicas para que uma comunicação tímida aconteça e tão logo, com o exercício natural da prática, possibilite conversas mais elaboradas e medidas de segurança mais precisas. Sendo assim, sugerimos aos instrutores de clube a experiência de conhecer um pouco mais sobre a Libras, a fim de tornar o va'a de fato acessível à comunidade surda, ampliando os horizontes do clube no que diz respeito ao diferente, às competições e à própria experiência com a prática da modalidade. O esporte deveria ser um direito de todos, mas ainda estamos engatinhando neste processo. Trabalhar com perspectivas diferentes agrega conhecimento, proporciona estratégias e contribui para o enriquecimento pessoal. Que possamos, juntos nesse objetivo, experimentar novos caminhos através da inclusão social no esporte, seja com surdos ou com qualquer outra pessoa com necessidades especiais, contribuindo para minimizar os efeitos da segregação e do preconceito nas gerações posteriores.

Aloha e Imua!

"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo." Terje Basilier

3 Bibliografia

- BELLUGI, U.; POIZER, H.; KLIMA, E. Language, modality and the brain. Trends in neurosciences - reviews – TINS, vol. 12, nº 10, p. 380-388, 1989.
- BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de dezembro de 2005.
- BRASIL. Lei 12.319/10. Lei que Regulamenta a Profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Câmara dos Deputados, Brasília, 01 de setembro de 2010. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12319-1-setembro-2010-608253-norma-pl.html>>.
- CARVALHO, Rosiméria Maria Braga de et al. Análise da Relação entre o Esporte e Desempenho Escolar: um estudo de caso. 2017. Dissertação de Mestrado.
- LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua de sinais: investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Relatório de Pesquisa. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Proc. 00443-3/05, p.1-84, 2007.
- SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice Muller de. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. Estilos da Clínica, São Paulo, v. V, n. 9, p. 32-51, 2000